

# Mensagem

de Fernando Pessoa  
por Danilo Lovisi



# AOL

Análise de Obras Literárias



**POLIEDRO**  
SISTEMA DE ENSINO

# EXPEDIENTE



**Autoria:** Danilo Lovisi

**Direção-geral:** Nicolau Arbex Sarkis

**Gerência editorial:** Emilia Noriko Ohno

**Coordenação de projeto editorial:** Brunna

Mayra Vieira da Conceição

**Edição de conteúdo:** Claudio Roberto Leyria de Oliveira

**Analista editorial:** Débora Cristina Guedes

**Gerência de design e produção editorial:**

Ricardo de Gan Braga

**Coordenação de revisão:** Renata Ultramar

Revisão: Eliana Marília G. Cesar, Leticia Borges,

Paulo V. Coelho e Sara de Jesus Santos

**Coordenação de arte:** Kleber de Messas

**Diagramação:** Cláudia Carminati e Gilbert

Julian

**Ilustração:** Vanessa Alexandre

**Projeto gráfico e capa:** Kleber S. Portela

**Coordenação de licenciamento e iconografia:**

Leticia Palária de Castro Rocha

**Analista de licenciamento:** Margarita Veloso

e Souza

**Planejamento editorial:** Maria Carolina das Neves Ramos

**Coordenação de multimídia:** Kleber S. Portela

**Gerência de produção gráfica:** Guilherme

Brito Silva

**Coordenação de produção gráfica:** Rodolfo

da Silva Alves

**Produção gráfica:** Anderson Flávio Correia,

Fernando Antônio Oliveira Arruda, Matheus Luiz

Quinhones Godoy Soares e Vandrê Luis Soares

**Impressão e acabamento:** PifferPrint



## Coleção AOL

Copyright © Editora Poliedro, 2021.

Todos os direitos de edição reservados à Editora Poliedro.

Reprodução proibida. Art. 184 do Código Penal,

Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

A Editora Poliedro pesquisou junto às fontes apropriadas a existência de eventuais detentores dos direitos de todos os textos e de todas as imagens presentes nesta obra didática. Em caso de omissão, involuntária, de quaisquer créditos, colocamo-nos à disposição para avaliação e consequentes correção e inserção nas futuras edições, estando, ainda, reservados os direitos referidos no Art. 28 da Lei 9.610/98.

# Mensagem

de Fernando Pessoa



# AOL

Análise de Obras Literárias



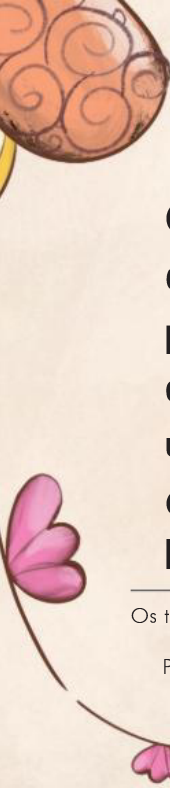
# Mensagem

de Fernando Pessoa

[...] Que sei eu do que serei, eu que não sei o que sou?  
Ser o que penso? Mas penso ser tanta coisa!







***Mensagem*, de Fernando Pessoa, é o único livro publicado em vida pelo poeta português. Com uma abordagem poética, mística e histórica, o conjunto de poemas desenha um percurso que parte do nascimento de Portugal, passa pelos heróis nacionais e vai até os grandes feitos portugueses, em referência às ditas “descobertas” marítimas. Trata-se de um livro carregado de utopia e reflexões filosóficas, recorrentes na poética de Pessoa. Escrito e publicado em um período historicamente complexo da Europa, *Mensagem* digere as inúmeras crises gerais europeias por meio de uma obra potente, digna de equiparação com o principal clássico da literatura portuguesa: *Os Lusíadas*, de Luís Vaz de Camões.**

Os trechos da obra analisada reproduzidos nesta análise foram extraídos do livro: PESSOA, Fernando. *Mensagem*. Lisboa: Parceria António Maria Pereira, 1934.



1888	Nascimento de Fernando Pessoa.
1890-1891	Ultimato britânico obriga Portugal a abandonar o território entre Angola e Moçambique. Remessas dos emigrantes no Brasil caem 80%, contribuindo para grave crise financeira.
1910	5 de outubro: implantação da República Portuguesa, constituindo-se o Governo Provisório sob a presidência do Dr. Teófilo Braga. Início do declínio da Monarquia Constitucional Portuguesa.
1912	Fim da Monarquia, declaração da República.
1914	Primeira Guerra Mundial.
1918	Outubro: epidemia de gripe espanhola e fim da Primeira Guerra Mundial.
1919	Janeiro e fevereiro: guerra civil entre monarquistas e republicanos.
1926	28 de maio: um golpe de estado liderado pelo general Gomes da Costa em Braga leva à queda da Primeira República e estabelece uma ditadura militar.
1928	É reconhecido o direito de voto às mulheres.
1929-1931	Quebra da bolsa de valores de Nova York inicia uma crise econômica e financeira mundial.
1932	5 de julho: António de Oliveira Salazar torna-se Primeiro-Ministro.
1934	Publicação de <i>Mensagem</i> .
1935	Falecimento de Fernando Pessoa, em Lisboa.
1937	4 de julho: atentado a bomba contra Salazar.
1939	Segunda Guerra Mundial.
1945	8 de outubro: criação do grupo oposicionista MUD (Movimento de Unidade Democrática) e fim da Segunda Guerra Mundial.

## INTRODUÇÃO ▼

Como um homem discreto, levando uma vida minimalista e sem grandes acontecimentos, trabalhando em uma empresa comum, com um escritório comum, uma escrivaninha comum, foi capaz de dar voz, sentimentos e pensamentos próprios e complexos para centenas de outras pessoas, únicas e excepcionais, todas frutos de sua imaginação e escrita? Como ele foi capaz de ser tão múltiplo, sendo apenas um?

## SOBRE O AUTOR ▼

### O autor e seu período

A obra *Mensagem*, de Fernando Pessoa, publicada em 1934, foi pensada e escrita em um período historicamente conturbado para o continente europeu. Estamos entre as duas grandes guerras mundiais: fazer arte nesse contexto é um ato complexo. Criadores da época se definiam como pássaros dentro de uma gaiola rodeada de leões; e, ainda assim, cantavam.

Do ponto de vista dos movimentos literários e das vanguardas artísticas, esse período instigou artistas europeus a criarem movimentos que iam contra as ideias estabelecidas, quebrando regras e paradigmas, chocando a sociedade com sua ousadia estética e incomodando as elites, consideradas retrógradas pelos artistas de vanguarda.

### Glossário

- **Vanguarda:** do francês, *avant-garde*. Agente, grupo ou movimento intelectual, artístico ou político que está ou procura estar à frente do seu tempo, relativamente a ações, ideias ou experiências.

A literatura produzida em Portugal até então era marcada por uma veia nacionalista, saudosista, ligada profundamente a um passado glorioso, fruto do período das Grandes Navegações. Porém, no início do século XX, os feitos e as glórias não faziam mais parte da nação portuguesa. A riqueza vinda das colônias ainda existia, mas já não era a mesma.

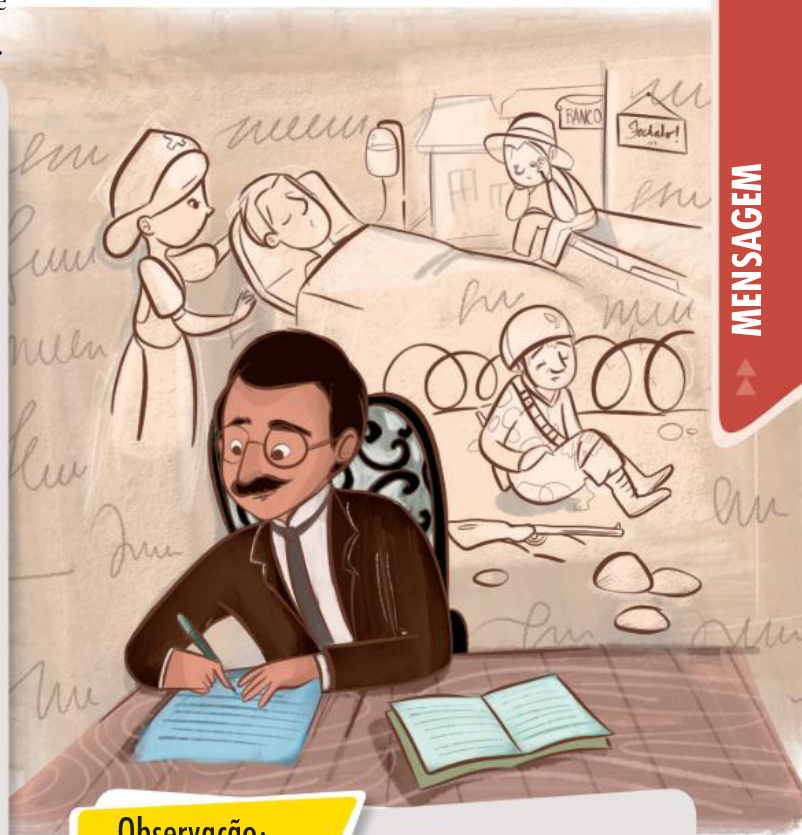
O período histórico que precede e convive com *Mensagem* é complexo: guerras e revoltas nas colônias portuguesas do continente africano, o fim do governo monárquico, a Primeira Guerra Mundial, na qual Portugal tem um papel coadjuvante, mas repleto de perdas para a nação. Tudo isso é seguido da epidemia de gripe espanhola, de uma recessão econômica mundial e de um governo ditatorial comandado por Salazar. No entanto, Fernando Pessoa defendia a tese de que crises e momentos históricos difíceis produzem bons escritores.

### Observação:

Luís Vaz de Camões foi um poeta português do século XVI e é considerado um dos principais autores da literatura ocidental. Sua obra mais importante é *Os Lusíadas*, uma epopeia que narra as histórias de Vasco da Gama e outros navegadores portugueses em torno do Cabo da Boa Esperança e na busca de novas rotas que levassem às Índias. Composta por dez cantos, a obra – que é dedicada ao rei Dom Sebastião – possui estética humanista, associando mitologia pagã e cristã, heroísmo e declínio, sofrimento e luta, fatos históricos e ficções engenhosas.



Em 1912, ano que marca o fim da monarquia e início do governo republicano, Pessoa integra a revista *A Águia*, em que publica um ensaio intitulado “O renascimento português”. Nele, o autor profetiza a chegada de um supra-Camões, que seria um outro grande poeta nacional, mas não cita nomes, o que causa certo desconforto em seus contemporâneos, que julgam tal afirmação um pouco ofensiva e pretensiosa.



### Observação:

António de Oliveira Salazar foi líder do regime político denominado Estado Novo, também conhecido como salazarismo. Trata-se de um período autoritário que vigorou entre 1933 e 1974, derrubado pela Revolução de 25 de abril.

Junto de outros poetas contemporâneos, Pessoa funda um movimento denominado Orfismo, tendo como objetivo propor reflexões ligadas ao presente e, sobretudo, ao futuro. Esse tema será desenvolvido na seção dedicada à obra do autor.



As obras desse movimento e período literário propõem um discurso que visa alçar Portugal para o futuro, tentando retirá-lo de um limbo histórico. Essa seria uma forma, através da arte, de dar confiança a uma nação em crise, por meio de uma escrita em que o individual e o coletivo poderiam se encontrar e se identificar. A crise pode ser vista como uma experiência de cunho pessoal e nacional, devido a vários traumas históricos, como o fim da monarquia, a nova república e a ditadura salazarista.

Além do movimento denominado Orfismo, Pessoa fez parte da revista *Presença*, que difundia os ideias do movimento presencista. O movimento literário seguinte foi denominado Neorrealismo, que marcou uma ruptura extrema com os movimentos clássicos.

## Biografia do autor

A biografia de Fernando Pessoa poderia ser resumida em poucas páginas. Ele viveu uma vida sem grandes acontecimentos, como uma paisagem sem relevos. Porém, “A realidade/Sempre é mais ou menos/Do que queremos”, disse o poeta em dado poema assinado pelo heterônimo Ricardo Reis. Pessoa nasceu em 13 de junho de 1888 e morreu em 30 de novembro de 1935, em Lisboa.

Suas viagens mais importantes foram as intelectuais, seus companheiros de anos foram os livros e seus próprios escritos. Sua biografia poderia narrar apenas suas aventuras intelectuais. Pessoa vem provar que não são as experiências originais ou fortes que forjam necessariamente uma personalidade ou marcam a vida de alguém, mas a vivência subjetiva da sua própria intimidade.

O poeta escreve em um de seus poemas mais conhecidos, *Tabacaria*, sob o pseudônimo de Álvaro de Campos: “Não sou nada/Nunca serei nada/Não posso querer ser nada. À parte isso, tenho em mim todos os sonhos do mundo. [...]”, mostrando, através de um eu lírico que se dilui no eu empírico, que a subjetividade do ser individual pode ser muito vasta, tão vasta que é capaz de abarcar todos os sonhos do mundo.



Fernando Pessoa em 1914. Essa ilustração foi baseada em um retrato marcado pela ausência. Primeiro, uma ausência de expressões do rosto, além dos movimentos inexistentes. O autor está rígido, como uma estátua grega. Ele não olha a câmera e, conseqüentemente, ignora e desvia o olhar do espectador, como se estivesse fugindo, como se estivesse focado em algo mais importante do que seu próprio ser.

# FERNANDO PESSOA



Fernando Pessoa aos seis anos. Sua infância não foi das mais simples. Muito cedo ele perdeu o pai e se mudou bruscamente de Portugal para a África do Sul, junto de sua mãe e seu padrasto.



Vista do bairro Chiado, em Lisboa, onde Fernando Pessoa passou a infância, antes de se mudar para a África do Sul.



João Miguel Rosa ao lado de Dona Maria Madalena, padrasto e mãe de Fernando Pessoa.

Sentindo-se sozinho diante de todas as mudanças ocorridas em sua infância, Pessoa cria uma série de personagens imaginários já durante esse período. De sua experiência na cidade de Durban, na África do Sul, o então garoto guarda poucas memórias. No entanto, uma experiência forte marca sua vida pessoal e literária: a relação com a língua inglesa. O poeta torna-se bilíngue e ávido leitor dos clássicos do teatro, como William Shakespeare; contudo, quando Pessoa volta

para Portugal, toma consciência da beleza de sua língua materna. Estar fora durante tantos anos fez com que ele valorizasse a riqueza de sua própria língua.

Dentre as poucas datas-chave de sua biografia, o dia 8 de março de 1914 é um dos mais importantes. Não para Fernando Pessoa civil, cidadão português; mas para Fernando Pessoa poeta e escritor europeu do início do século XX. Trata-se, segundo o autor, do nascimento de seus heterônimos, mais especificamente daquele que ele julga ser seu mestre: Alberto Caeiro. A data do 8 de março poderia ser vista como um parto de si mesmo, ou de seus vários e múltiplos eus.

Ele conta que escreveu todos os poemas do livro *Guardador de rebanhos* em pé, diante da cômoda, de uma única vez, sem pausas. Sabemos que isso faz parte da lenda literária criada por Pessoa sobre ele mesmo; sabemos que tal criação requer anos de trabalho; mas o fato de trazer o aspecto narrativo para dentro da própria vida já é uma pista de que estamos diante de um autor peculiar. Para Pessoa, o mito é algo de extrema importância: “o mito é o nada que é tudo”, escreve o autor em *Mensagem*.

Uma curiosidade se encontra no próprio nome do poeta. Na verdade, ele modificou ligeiramente seu sobrenome que, originalmente, se escrevia com um acento circunflexo: Pessôa. Ao retirá-lo, a palavra ganha um duplo sentido: Fernando se torna alguém, uma *pessoa*. Se paramos para analisar a etimologia dessa palavra, descobrimos que ela pode ser associada à “*per-sona*”: por onde passa o som, em latim. Esse era também o termo utilizado para denominar as máscaras utilizadas no teatro grego durante a Antiguidade. Elas eram trocadas regularmente para interpretar diferentes personagens.



A poesia de Fernando Pessoa tem como um de seus objetivos abolir ou diluir o “eu”, mas sem apagá-lo, muito pelo contrário. Uma das metas do autor é se transformar em vários, em um ser múltiplo, uma pessoa múltipla. Curiosamente, a palavra “pessoa”, no francês, se escreve “*personne*”. No singular, ela também pode significar “ninguém”. Isso nos faz pensar em outra obra literária importante para a literatura ocidental: *A Odisseia*, em que Ulisses, o herói dessa epopeia, diante do ser mitológico Ciclope, diz: “Eu sou Ninguém”. Na tradução francesa, a frase é ambígua e subjetiva, podendo significar “Eu não sou ninguém”. Sabe-se que Pessoa também era fluente em francês.

Em 1988, seus restos mortais são transferidos para o Mosteiro dos Jerônimos, não muito longe dos túmulos de Vasco da Gama e Luís Vaz de Camões, considerados heróis nacionais. Fernando Pessoa, um homem discreto, com uma biografia incapaz de preencher muitas páginas, se inscreve, assim, na história nacional daquele país como um herói, graças à sua capacidade de descrever de forma tão poética e profunda a alma portuguesa e, por que não, a condição humana. Hoje, sua obra poética é uma das mais traduzidas no mundo.

## A PRODUÇÃO LITERÁRIA ▼

### Obras do autor

- *Mensagem* – Fernando Pessoa
- *Cancioneiro* – Fernando Pessoa
- *O livro do desassossego* – Fernando Pessoa
- *O guardador de rebanhos* – Alberto Caeiro
- *Odes* – Ricardo Reis
- *O banqueiro anarquista* – Bernardo Soares

Fernando Pessoa organizou e publicou apenas um único livro em vida: *Mensagem*. Durante sua carreira em vida, escreveu poemas esparsos em revistas e

antologias diversas. O poeta deixou uma arca com milhares de escritos inéditos. Os livros publicados depois de *Mensagem* são póstumos e foram organizados por pesquisadores dedicados à sua obra, dividida em ortônimo (Pessoa ele mesmo) e heterônimos principais (Alberto Caeiro, Álvaro de Campos, Ricardo Reis e Bernardo Soares). Vale dizer que o número de heterônimos é muito maior do que os nomes mais conhecidos. Segundo pesquisas recentes, esse número ultrapassa 100 nomes. Sua obra, vasta, continua sendo analisada e aprofundada.

### Aspectos gerais da produção literária do autor

As vozes de Fernando Pessoa são várias. Mas além das vozes, é como se ele cantasse em estilos diferentes. Se compararmos com a música, ele seria um cantor capaz de entoar os mais belos fados portugueses, carregados de saudade e languidez, e ao mesmo tempo mudasse para a bossa nova, ou até mesmo para um *blues* ou *rock* experimental. Os estilos são por vezes tão distintos que chegam a impressionar. E além dos estilos, ele também diferencia a forma de cantar, a personalidade das letras. Não se trata de uma imitação, de uma tentativa de se aproximar ao máximo de um estilo diferente, mas uma performance real. É por esse e outros motivos que a obra poética de Pessoa é tão peculiar.

Sua escrita é atravessada e tocada pelos movimentos artísticos de sua época. O início do século XX é extremamente fértil, marcado por manifestos vanguardistas, por mudanças drásticas de estética, de críticas frontais às regras ditadas pelas elites econômicas e civis. Fazemos referência aqui à estética dos futuristas italianos, ao deboche e à experimentações dos dadaístas, à ousadia cubista, aos traços abstracionistas e surrealistas e às cores carregadas de emoção dos expressionistas alemães. Sua obra poética se situa “no outono da civilização europeia”.

### Ninguém e todos ao mesmo tempo: a heteronímia, uma intranquilidade biográfica

Por meio da escrita, Fernando Pessoa desenha uma cartografia das suas próprias emoções, pesquisa feito





um arqueólogo o percurso e os resquícios de seus próprios sentimentos e sensações através da experiência humana. Ele analisa o que sente ao mesmo tempo que escreve, como um diretor de cinema que comenta o filme em voz *off*, ou um narrador onipresente analisando os gestos dos personagens de uma série de TV.

Diante de tantos nomes, tantas personalidades poéticas, nos perguntamos: o eu civil de Pessoa, o dito eu empírico, não existe? Onde cabe o seu verdadeiro eu diante de tanta multiplicidade? Pessoa se desdobra. Como? A voz poética, o eu lírico, se distancia do autor fazendo com que os sentimentos ali presentes não sejam exatamente os seus. Todavia, a questão é mais

complexa, como vemos no poema “Autopsicografia”. O poeta possui vozes de mil cantos e cria “o autor fora da minha Pessoa”.

### Glossário

- **Eu empírico:** é o eu real, civil, do poeta.
- **Eu lírico / sujeito lírico / eu poético:** é a voz que se manifesta no poema como criação do poeta, que representa, em geral, um sujeito fictício, suas experiências, seus sentimentos e suas sensações. É importante observar que as fronteiras entre os dois são frágeis e, em alguns casos, o eu empírico se confunde com o eu lírico, não nos permitindo saber mais o limite entre a ficção e a biografia daquele que escreve.

## Autopsicografia

*O poeta é um fingidor  
Finge tão completamente  
Que chega a fingir que é dor  
A dor que deveras sente.*

*E os que lêem o que escreve,  
Na dor lida sentem bem,  
Não as duas que ele teve,  
Mas só a que eles não têm.*

*E assim nas calhas de roda  
Gira, a entreter a razão,  
Esse comboio de corda  
Que se chama coração.*

PESSOA, Fernando. Autopsicografia.  
Revista Presença, Coimbra, n. 36, 1932.

Em carta para o autor Adolfo Casais Monteiro, o poeta explica a heteronímia, dizendo que se trata de um gesto em que o sujeito lírico tenta se aproximar do sujeito empírico. Uma aproximação que é realizada por meio da escrita, uma escrita elaborada e, em teoria, fictícia, inventando e “fingindo” uma realidade a tal ponto que o poeta acaba, de fato, sentindo e vivendo aquilo que cria, que “finge”. No seu ato de escrita, ele critica, dissecar, entende e expõe.

### Observação:

Definições úteis para abordar a obra de Pessoa:

**Ortônimo:** o próprio Fernando Pessoa, ele mesmo.

**Heterônimo:** ser de nome diferente do autor e que possui história pessoal própria, com estilo diferente, como se materializasse uma voz alternativa.

**Pseudônimo:** nome falso utilizado, em geral, para publicar obras de forma anônima, seja por questões políticas ou estéticas. O estilo de seu autor é reconhecível.

A escrita de Pessoa recebe inúmeras influências, de William Shakespeare a Homero; do teatro inglês

aos clássicos da literatura europeia ocidental; da mitologia grega às histórias populares portuguesas; dos filósofos da Antiguidade aos escritos metafísicos orientais. Pessoa defende a tese de que, após períodos historicamente críticos em um país, surge um novo autor. Ele aposta na ideia de que o escritor, o artista, surge da crise. Tecendo um paralelo com França e Inglaterra, o poeta diz que em Portugal de sua época (primeira metade do século XX) não existe ainda um autor à altura de seu tempo, de sua crise. Tal afirmação ousada é crucial para a compreensão da obra *Mensagem*, que analisaremos a seguir. Essa declaração vai lhe causar problemas, pois será extremamente mal recebida por seus contemporâneos. Pessoa afirma que um autor superior a Camões surgirá, um denominado supra-Camões. Ele não nomeia quem. Teria ele intenções de ocupar esse lugar?

Antes de responder a essa pergunta, vamos nos debruçar sobre os vários *eus* do poeta. Entrar na obra de Pessoa é como visitar uma casa com vários quartos. À medida que avançamos pelos corredores, mais caminhos encontramos, mais cômodos, mais janelas. E as janelas e portas estão todas abertas, deixando o vento, a chuva e o sol entrarem, simultaneamente. Como viver em tais condições? Como encontrar calma nessa “intranquilidade biográfica”?

Dentre os inúmeros heterônimos criados por Pessoa, os principais são **Alberto Caeiro**, **Álvaro de Campos** e **Ricardo Reis**. Em carta ao escritor Adolfo Casais Monteiro, ele narra o fatídico dia 8 de março, data na qual esses outros poetas “nasceram”:

*[...] foi em 8 de Março de 1914 — acerquei-me de uma cómoda alta, e, tomando um papel, comecei a escrever, de pé, como escrevo sempre que posso. E escrevi trinta e tantos poemas a fio, numa espécie de êxtase cuja natureza não conseguirei definir. [...] Abri com um título, O Guardador de Rebanhos. E o que se seguiu foi o aparecimento de alguém em mim, a quem dei desde logo o nome de Alberto Caeiro. [...] aparecera em mim o meu mestre. Foi essa a sensação imediata que tive. [...] peguei noutra papel e escrevi, a fio, também, os seis poemas*

que constituem a Chuva Oblíqua, de Fernando Pessoa. Imediatamente e totalmente... Foi o regresso de Fernando Pessoa Alberto Caeiro a Fernando Pessoa ele só. Ou, melhor, foi a reacção de Fernando Pessoa contra a sua inexistência como Alberto Caeiro.

*Aparecido Alberto Caeiro, tratei logo de lhe descobrir [...] uns discípulos. Arranquei do seu falso paganismo o Ricardo Reis latente, descobri-lhe o nome, e ajustei-o a si mesmo, porque nessa altura já o via. E, de repente, e em derivação oposta à de Ricardo Reis, surgiu-me impetuosamente um novo indivíduo. Num jacto, e à máquina de escrever, sem interrupção nem emenda, surgiu a Ode Triunfal de Álvaro de Campos — a Ode com esse nome e o homem com o nome que tem.[...]*

PESSOA, Fernando; QUADROS, António (Org.).  
Escritos Íntimos, Cartas e Páginas Autobiográficas.  
Lisboa: Publicações Europa-América, 1986. p. 199.



Na mesma carta, além de narrar o nascimento desses outros poetas em si mesmo, ele delimita traços da personalidade de cada um:

*[...]pus no Caeiro todo o meu poder de despersonalização dramática, pus em Ricardo Reis toda a minha disciplina mental, vestida da música que lhe é própria, pus em Álvaro de Campos toda a emoção que não dou nem a mim nem*

*à vida. Pensar, meu querido Casais Monteiro, que todos estes têm que ser, na prática da publicação, preteridos pelo Fernando Pessoa, impuro e simples!*

Para o poeta, os heterônimos não são apenas nomes com os quais ele assina outros poemas. Eles possuem uma biografia própria, endereço, aspectos físicos específicos e até mesmo um mapa astral. Eles conversam entre si por meio de cartas, debatem ideias e visões do mundo. Se as vanguardas literárias do século XX são marcadas pela multiplicidade do autor, Fernando Pessoa leva essa questão para outro nível, sendo capaz não apenas de escrever com outros estilos, mas de criar vidas paralelas no mundo literário e no das ideias. Vidas, estas, que se infiltram no real, influenciando outros poetas em períodos literários e épocas posteriores.

Passemos um momento junto dos principais heterônimos de Pessoa, importantes para compreendermos sua poética.

### Alberto Caeiro

*“Sei que compreendo a natureza por fora, e não a compreendo por dentro.”*

Considerado o mestre de Fernando Pessoa ortônimo, a principal característica de sua poética é a negação da filosofia e dos aspectos metafísicos, pois Caeiro acredita que o mais importante são as sensações, as vivências, os sentidos. Conectado com a natureza e os campos, ele intelectualiza as sensações, dissecando-as em seus escritos. Para ele, objeto e significado são indissociáveis, ou seja, tudo possui um sentido e produz sensação. Ele defende a ideia de que os objetos emanam significado e nós somos capazes de compreendê-los através dos sentidos, de forma natural e sem esforço. Os poemas seguintes ilustram tais questões.

### XXVIII

*Li hoje quase duas páginas  
Do livro dum poeta místico,  
E ri como quem tem chorado muito.*



Os poetas místicos são filósofos doentes,  
E os filósofos são homens doidos.

Porque os poetas místicos dizem que as flores sentem  
E dizem que as pedras têm alma  
E que os rios têm êxtases ao luar.

Mas as flores, se sentissem, não eram flores,  
Eram gente;  
E se as pedras tivessem alma, eram cousas vivas, não  
[eram pedras;  
E se os rios tivessem êxtases ao luar,  
Os rios seriam homens doentes.

É preciso não saber o que são flores e pedras e rios  
Para falar dos sentimentos deles.  
Falar da alma das pedras, das flores, dos rios,  
É falar de si próprio e dos seus falsos pensamentos.  
Graças a Deus que as pedras são só pedras,  
E que os rios não são senão rios,  
E que as flores são apenas flores.

Por mim, escrevo a prosa dos meus versos  
E fico contente,  
Porque sei que compreendo a Natureza por fora;  
E não a compreendo por dentro  
Porque a Natureza não tem dentro;  
Senão não era a Natureza.

CAEIRO, Alberto. O guardador de rebanhos. In: PESSOA, Fernando.  
Poemas de Alberto Caeiro. 10 ed. Lisboa: Ática, 1993. p. 53.

[...]  
Procuro despir-me do que aprendi  
Procuro esquecer-me do modo de lembrar que me  
[ensinaram,  
E raspar a tinta com que me pintaram os sentidos,  
Desencaixotar as minhas emoções verdadeiras,  
Desembrulhar-me e ser eu...

CAEIRO, Alberto. O guardador de rebanhos. In: PESSOA, Fernando.  
Poemas de Alberto Caeiro. 10 ed. Lisboa: Ática, 1993. p. 68.

## Álvaro de Campos

“Ó coisas todas modernas, nova revelação metálica e  
dinâmica de Deus!”

Álvaro de Campos possui uma biografia bem elaborada e sólida. É considerado o alter-ego de Fernando Pessoa. Esse outro “nasceu” em Tavira, no extremo sul de Portugal, no final do século XIX, e formou-se engenheiro naval na Escócia, tendo esses elementos influenciado sua produção literária. Em sua vida, Campos viaja para o Oriente e escreve um longo poema que marca sua poética, “Opiário”. Deliberadamente moderno, rebelde e agressivo, ele é tocado pelas tecnologias e ideologias do século XX e se mostra, paralelamente, inconformado com seu tempo.

### Ode Triunfal

À dolorosa luz das grandes lâmpadas eléctricas da  
[fábrica

Tenho febre e escrevo.

Escrevo rangendo os dentes, fera para a beleza disto,  
Para a beleza disto totalmente desconhecida dos antigos.

Ó rodas, ó engrenagens, r-r-r-r-r eterno!

Forte espanto retido dos maquinismos em fúria!

Era fúria fora e dentro de mim,

Por todos os meus nervos dissecados fora,

Por todas as papilas fora de tudo com que eu sinto!

Tenho os lábios secos, ó grandes ruídos modernos,

De vos ouvir demasiadamente de perto,

De vos ouvir demasiadamente de perto,

E arde-me a cabeça de vos querer cantar com um  
[excesso

De expressão de todas as minhas sensações,

Com um excesso contemporâneo de vós, ó máquinas!

[...]

CAMPOS, Álvaro de. [Fernando Pessoa]. Livro de versos.  
Lisboa: Ática, 1993. p. 144.

## Ricardo Reis

Em carta, Fernando Pessoa narra o nascimento de Ricardo Reis:

[...] O Dr. Ricardo Reis nasceu dentro da minha alma no dia 29 de Janeiro de 1914, pelas 11 horas da noite. Eu estivera ouvindo no dia anterior uma discussão extensa sobre os excessos, especialmente de realização, da arte moderna. Segundo o meu processo de sentir as coisas sem as sentir, fui-me deixando ir na onda dessa reacção momentânea. Quando reparei em que estava pensando, vi que tinha erguido uma teoria neoclássica, e que a ia desenvolvendo. Achei-a bela e calculei interessante se a desenvolvesse segundo princípios que não adopto nem aceito. Ocorreu-me a ideia de a tornar um neoclassicismo “científico” [...] reagir contra duas correntes — tanto contra o romantismo moderno, como contra o neoclassicismo à Maurras. [...]

PESSOA, Fernando. *Páginas Íntimas e de Auto-Interpretação*. Lisboa: Ática, 1996. p. 385.

De formação clássica, Ricardo Reis teria nascido em “reação” à Alberto Caeiro. Isso significa que ele irá, de certa forma, contra a filosofia de vida focada nas sensações e nos sentidos. Formado em Medicina, trata-se de um homem calmo e culto, contente com o que se tem no momento presente.

*Vem sentar-te comigo, Lídia, à beira do rio.  
Sosssegadamente fitemos o seu curso e aprendamos  
Que a vida passa, e não estamos de mãos enlaçadas.  
(Enlacemos as mãos).*

*Depois pensemos, crianças adultas, que a vida  
Passa e não fica, nada deixa e nunca regressa,  
Vai para um mar muito longe, para ao pé do Fado,  
Mais longe que os deuses.*

*Desenlacemos as mãos, porque não vale a pena  
[cansarmo-nos.  
Quer gozemos, quer não gozemos, passamos como o rio.  
Mais vale saber passar silenciosamente  
E sem desassossegos grandes.*

*Sem amores, nem ódios, nem paixões que levantam a voz,  
Nem invejas que dão movimento demais aos olhos,  
Nem cuidados, porque se os tivesse o rio sempre correria,  
E sempre iria ter ao mar.*

*Amemo-nos tranquilamente, pensando que podíamos,  
Se quiséssemos, trocar beijos e abraços e carícias,  
Mas que mais vale estarmos sentados ao pé um do outro  
Ouvindo correr o rio e vendo-o.*

*Colhamos flores, pega tu nelas e deixa-as  
No colo, e que o seu perfume suavize o momento —  
Este momento em que sossegadamente não cremos em  
[nada,  
Pagãos inocentes da decadência.*

*Ao menos, se for sombra antes, lembrar-te-ás de mim  
[depois  
Sem que a minha lembrança te arda ou te fira ou te  
[mova,  
Porque nunca enlaçamos as mãos, nem nos beijamos  
Nem fomos mais do que crianças.*

*E se antes do que eu lewares o óbolo ao barqueiro sombrio,  
Eu nada terei que sofrer ao lembrar-me de ti.  
Ser-me-ás suave à memória lembrando-te assim — à  
[beira-rio,*

*Pagã triste e com flores no regaço.*

PESSOA, Fernando. *Odes de Ricardo Reis*. Lisboa: Ática, 1946. p. 23.

## Fases e movimentos literários

Um dos movimentos literários mais importantes dos quais Fernando Pessoa fez parte foi o Orfismo. Esse nome vem da revista *Orpheu*, lançada à época, e o movimento propunha uma ruptura extrema com as correntes literárias vigentes em Portugal, carregadas de saudosismo de uma época e de uma glória que não mais existiam. Ele trava uma luta entre saudosismo e cosmopolitismo. O mote era olhar para o futuro, deixar para trás o saudosismo e uma ideia de Portugal que já não existia, conectando-se, assim, ao presente, em convivência com o mundo contemporâneo.

Ao lançar *Orpheu* em 1915, com o poeta Mário de Sá-Carneiro, Fernando Pessoa propõe o ato da “desnacionalização”, pontuando que “se desnacionalizar é se perder e se encontrar”. Tornar-se europeu, para um português, é sair de si para ser melhor, segundo o teórico francês Robert Bréchon. É inevitável a comparação com o movimento do Futurismo italiano, fundado pelo poeta Filippo Marinetti, marcado por uma rejeição às ideias moralistas, reacionárias e ancoradas no passado. As obras visuais e literárias denominadas futuristas se inspiram na velocidade das máquinas industriais desenvolvidas no final do século XIX; todavia, não se deve esquecer que certos artistas exaltavam também a guerra e a violência.

### Glossário

- **Cosmopolitismo:** pensamento filosófico que discorda das fronteiras geográficas impostas pela sociedade, considerando que a humanidade segue as leis do Universo (cosmo); isto é, considera que os seres humanos devem formar uma única nação, sem separatismos culturais e avaliando o mundo na possibilidade de ser uma só pátria.

### Observação:

O mito de Orfeu e Eurídice inspira Pessoa e seus contemporâneos na criação do movimento literário denominado Orfismo. De forma resumida, o mito conta a história de Orfeu, deus filho de Calíope, musa da poesia, com Apolo, deus das artes. O jovem se apaixona por Eurídice. Porém, ele não é o único; Aristeu, deus conhecido como o protetor dos caçadores, também tenta seduzi-la à força. Na fuga pela floresta, a jovem tropeça em um ninho de cobras e é picada, morrendo no mesmo instante. Consternado, Orfeu desce até o mundo dos mortos para procurá-la. Com sua lira, ele convence o barqueiro Caronte, responsável pela passagem dos mortos para o outro mundo, a levá-lo em sua barca. Além disso, Orfeu é capaz de adormecer o cão de três cabeças, Cérbero. Chegando, enfim, aos pés de Hades, deus do mundo inferior, ele conta-lhe sua história e toca sua lira. Comovido, Hades concorda em liberar Eurídice perante uma única condição: Orfeu não pode olhar para sua amada até chegarem no mundo dos vivos, ao sol. Ele aceita. Depois de atravessarem rios, bosques e caminhos tortuosos do submundo, ele chega enfim ao mundo superior e, querendo se assegurar de que Eurídice o seguia, ele olha pra trás. Ela, que não estava completamente tocada pelo sol dos vivos, se transforma em pedra imediatamente.

Orfeu levando Eurídice para fora do submundo.

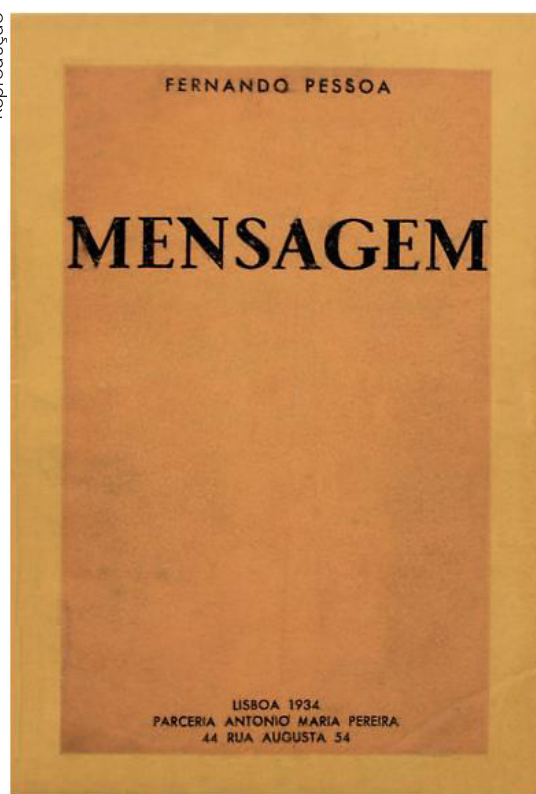




Essa breve viagem pelas múltiplas vidas de Pessoa e as de seus heterônimos mostra como ele foi um poeta único e conectado ao presente e à produção contemporânea, não apenas portuguesa, mas, sobretudo, europeia. A obra de Pessoa está conectada à poesia simbolista do francês Paul Verlaine, ao dramaturgo belga Maurice Maeterlinck e dialoga também com o tema principal de Charles Baudelaire, no século XIX: a dificuldade de ser, a inconveniência de ter nascido, a angústia e ignorância da origem da vida, do porquê da existência e a relação ambígua entre vida e sonho. Todas essas crises produzem uma obra literária única, múltipla e complexa como a condição humana.

## Aspectos gerais da obra analisada

Reprodução



*Mensagem* foi o único livro publicado em vida por Fernando Pessoa. Repetimos essa informação, pois ela é importantíssima se compararmos essa obra com os mais de 20 mil escritos deixados em uma mala no apartamento lisboeta do escritor, e também diante dos mais de quatrocentos poemas editados e veiculados em

revistas e jornais da época. Pessoa trabalhou durante décadas nesse livro, de 1913 a 1934. O fato de *Mensagem* ter sido publicado como um livro inteiro ainda em vida mostra como esse projeto literário foi importante para a carreira do poeta e, sobretudo, como ele visualizava sua escrita e poética como um todo. Esse gesto significa que a organização, a forma e o tempo de criação foram totalmente planejados e controlados pelo autor, exatamente o oposto do que aconteceu com as publicações realizadas após a sua morte, editadas e organizadas por terceiros. Em sua obra, o único conjunto de poemas que se aproxima de tal preparo e controle seria *O guardador de rebanhos*, assinado pelo heterônimo Alberto Caeiro. Esses dois conjuntos carregam uma ideia central: a utopia (tal afirmação é defendida por Haqira Osakabe, em *Fernando Pessoa, entre almas e estrelas*, Iluminuras, 2013).

Fernando Pessoa, na busca de um supra-Camões, ou seja, aquele que virá substituir o grande poeta nacional, cria *Mensagem* em diálogo direto com *Os Lusíadas*, de Luís Vaz de Camões. *Mensagem* se conecta à epopeia clássica lusitana no que diz respeito ao fundo histórico, sobretudo em relação às evocações dos grandes feitos portugueses. O livro de Pessoa não é uma epopeia clássica, mas apresenta traços que podem aproximá-lo, de uma forma mais moderna, a esse gênero.

*Mensagem* propõe uma forma de tirar Portugal de um certo limbo histórico, dando confiança, através da escrita poética, a uma nação em crise devido a seus, já mencionados, traumas históricos: o fim da monarquia, a nova república e a ditadura salazarista.

### Observação:

Inicialmente, o livro se chamava *Portugal*. Pessoa decide mudar o título, pois um amigo lhe faz perceber que Portugal virara nome de loja de sapatos e que a última dinastia de reis dera nome a uma rede de hotéis.



Dom Sebastião, rei de Portugal e Algarves.

Em carta a Casais Monteiro, ele enumera parte das ideias chave que procurou transmitir com a obra:

*[...] Nunca me propus ser Mestre ou Chefe-Mestre, porque não sei ensinar, nem sei se teria que ensinar; Chefe, porque nem sei estrear ovos. [...]*

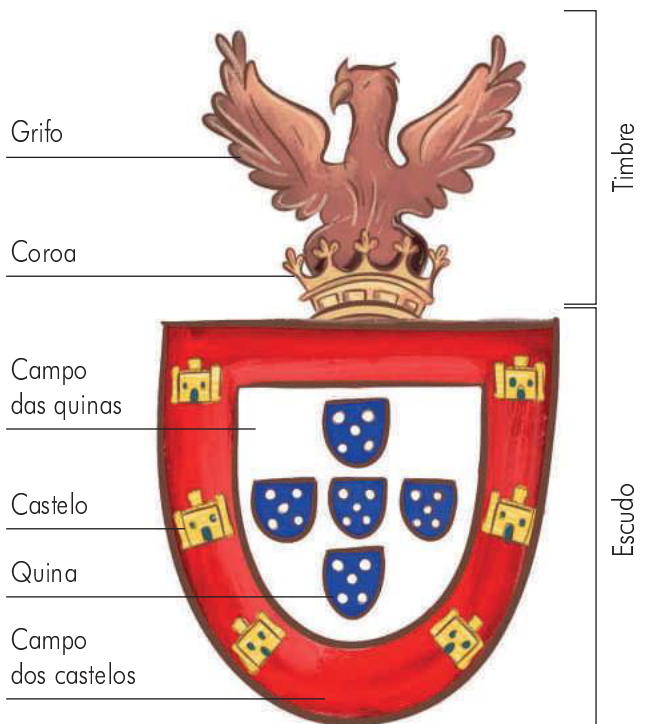
*Sou, de facto, um nacionalista místico, um sebastianista racional. Mas sou, à parte isso, e até em contradição com isso, muitas outras coisas. E essas coisas, pela mesma natureza do livro, a “Mensagem” não as inclui.*

*Essa faceta – em certo modo secundária – da minha personalidade não tinha nunca sido suficientemente manifestada nas minhas colaborações em revistas (excepto no caso do Mar Português parte deste mesmo livro) – precisamente por isso convinha que ela aparecesse, e que aparecesse agora. Coincidiu, sem que eu o planejasse ou o premeditasse (sou incapaz de premeditação prática), com um dos momentos críticos (no sentido original da palavra) da remodelação do subconsciente nacional. O que fiz por acaso e se completou por conversa, fora exactamente talhado, com Esquadria e Compasso, pelo Grande Arquitecto. [...]*

Nesse trecho, vemos que o poeta exalta o caráter nacionalista da obra, mesclando-o com certa dimensão mística e racional. O termo “sebastianismo” se refere ao rei Dom Sebastião, o qual ele homenageia no início da obra, como aquele que ditará o destino glorioso da nação portuguesa através dos séculos, suas “descobertas” para além-mar e grandes feitos realizados pelos exploradores como Vasco da Gama e Álvares Cabral. Ao exaltar o sebastianismo, Pessoa profetiza igualmente a chegada de um “Quinto Império” imaginário, sendo os quatro primeiros, segundo o autor, a Grécia, a Roma Antiga, a Europa do Renascimento e o século XVIII, denominado “século das luzes”. Todos esses períodos trouxeram inovações técnicas, filosóficas e artísticas sem precedentes para o mundo ocidental, mas, sobretudo, foram responsáveis pela mudança de paradigma da sociedade de cada época.

Qual é, então, a mensagem transmitida por esse livro? Em primeiro lugar, observemos como ele é constituído. A obra é dividida em três partes principais: “Brasão”, “Mar Português” e “O Encoberto”. A primeira faz referência aos escudos das grandes nações, recriando a história de Portugal desde suas origens narradas de forma mítica até o período das chamadas “Grandes Descobertas”.

## Brasão



“Brasão” faz referência aos escudos das grandes nações. Aqui, Pessoa parte do brasão português para organizar seu conjunto de poemas, trazendo certa solidez para a obra, associando o todo a um símbolo físico e histórico. Ele recria a história de Portugal a partir das imagens do brasão.

### Observação:

Em *Mensagem*, Pessoa defende a ideia de que a geração portuguesa capaz de mudar a imagem e o destino do país através das grandes navegações viria de uma linhagem iniciada com o herói ocidental Ulisses, até chegar aos filhos de Dom João I e Dona Filipa, que dariam luz à chamada “íclita geração”, termo cunhado por Luís Vaz de Camões em *Os Lusíadas*, (Canto IV, estância 50):

*[...] Mas, pera defensão dos Lusitanos,  
Deixou, quem o levou, quem governasse  
E aumentasse a terra mais que dantes:  
Íclita geração, altos Infantes. [...]*

Os nomes dessa linhagem seriam:

- Ulisses
- Viriato
- Dom Henrique
- Dona Careja
- Dom Afonso Henriques
- Dom Diniz
- Dom João I e Dona Filipa de Lencastre

Essa obra é uma galeria de retratos dos heróis fundadores do “Ocidente”, de Ulisses ao rei Dom Sebastião, um dos filhos de Dom João I e Dona Filipa. A presença de Ulisses, herói literário, traz um aspecto mítico ao livro, pois diz-se que em suas viagens ele teria, em algum momento, tocado o rio Tejo. Sem provas concretas, esse rumor seria a prova de que, segundo Pessoa, no poema “Ulisses”, a lenda penetra o real e o fecunda.

Dentro dessa parte, encontramos outras seções: “Os campos”, “Os castelos”, “As quinas”, “A coroa” e “O timbre”. “Os campos” começa pela parte externa, ilustrada pelos castelos, que se referem, aqui, à criação física da nação, suas construções arquitetônicas e sólidas feitas das pedras das fachadas dos castelos reais e suas muralhas.

Em seguida, “As quinas” possui vários significados. Inicialmente, faz referência aos reinos dos mouros, os quais foram vencidos pelo rei Dom Afonso Henriques. As quinas simbolizam igualmente as cinco chagas de Jesus, pois a lenda conta que Dom Afonso teve uma visão de Cristo no céu na véspera da vitória da guerra contra os reis mouros. Elas simbolizam igualmente as moedas pagas a Judas antes da traição que levou ao sacrifício de Cristo.

### Observação:

Vamos entender as diferentes partes do livro e seus simbolismos.

A primeira parte, “Brasão”, tem cinco divisões. “Os campos”, “Os castelos”, “As quinas”, “A coroa” e “O timbre”. Ela desenha o território em terra.

A parte “*Mar Português*” é aberta, sem divisões, remetendo à fluidez do mar e do movimento ligado às conquistas e “descobertas” dos navegadores. Ela desenha o território marítimo.

A parte “*O Encoberto*” é igualmente dividida em três partes e acaba com a queda de Dom Sebastião na batalha de Alcácer-Quibir no final do século XVI. As subpartes são: “Os símbolos” (quem é Dom Sebastião? O que vem depois dele?), “Os avisos” (Bandarra, Padre Antônio Vieira e Fernando Pessoa ele mesmo) e “Os tempos” (“Tormenta”, “Calma”, “Antemanhã” e “Nevoeiro”). O poema é finalizado com a descrição de um momento de declínio de Portugal, com a espera do aparecimento – ou não – de um novo Dom Sebastião que tiraria Portugal do ostracismo no qual se encontra.



Feito esse apanhado geral da obra, podemos observar que o autor exalta o sebastianismo e profetiza a chegada de um Quinto Império. Dom Sebastião poderia ser visto como a personificação da alma portuguesa, como uma espécie de heterônimo coletivo da nação. Todavia, em *Mensagem*, a dimensão do mito é renovada e apresentada como uma solução às explorações violentas do passado. Como dissemos anteriormente, trata-se de um texto que dialoga com a forma da epopeia, mas de uma maneira moderna. Nesse texto, guardamos a ideia de que, depois de descoberto o território terrestre, depois de explorado o território marítimo, o novo território de conquista seria agora bem mais subjetivo: cultural e espiritual.

### Estrutura narrativa

*Mensagem* é composto por 44 poemas agrupados em três partes. Após a leitura completa da obra, percebemos que elas representam três etapas do Império português: nascimento, realização e morte, seguida de um possível renascimento. No intuito de captar os valores-chave veiculados pela obra, analisaremos algumas estrofes presentes no livro, capazes de sintetizar as ideias principais do autor.

Vamos começar pelo poema “O Infante”, presente na segunda parte do livro, “Mar Português”.

#### I. O infante

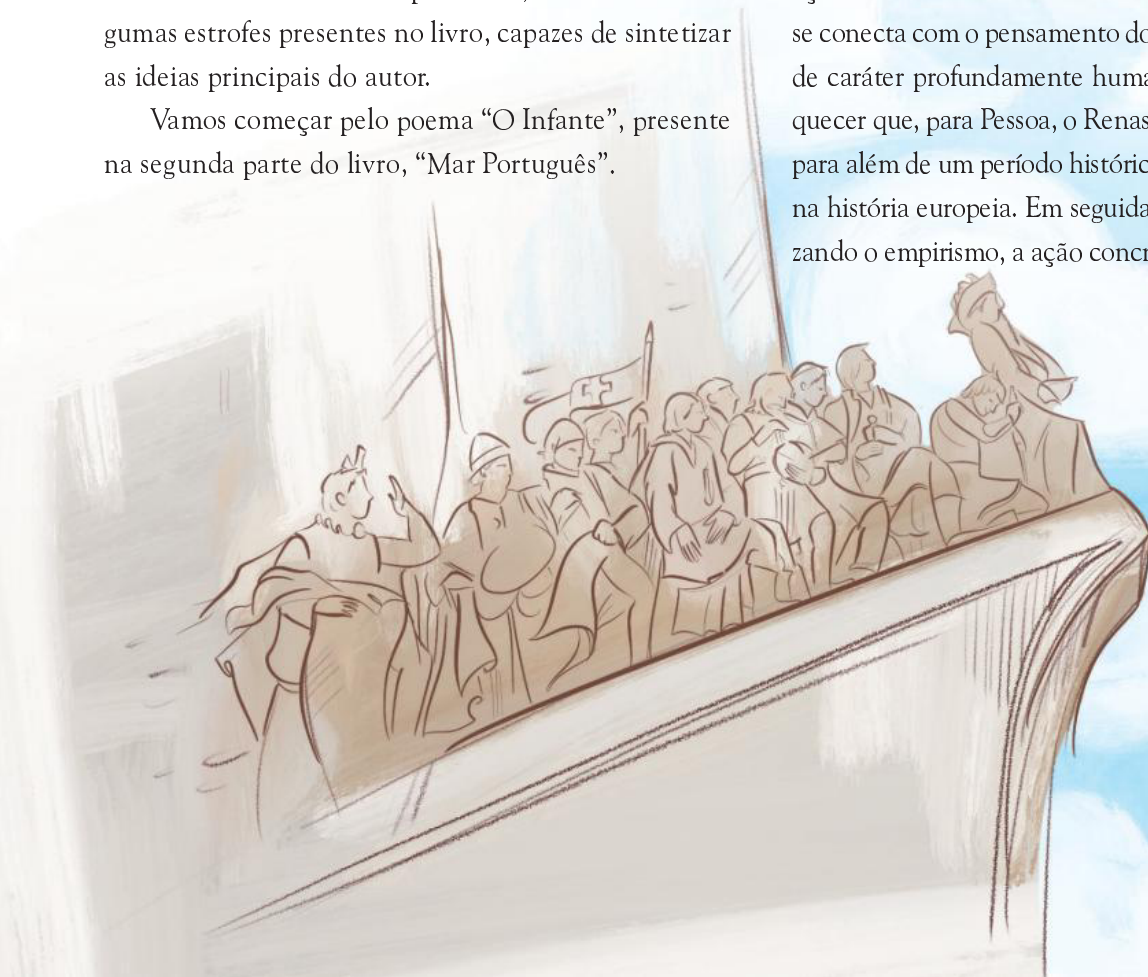
*Deus quer, o homem sonha, a obra nasce.  
Deus quis que a terra fosse toda uma,  
Que o mar unisse, já não separasse.  
Sagrou-te, e foste desvendando a espuma,*

*E a orla branca foi de ilha em continente,  
Clareou, correndo, até ao fim do mundo,  
E viu-se a terra inteira, de repente,  
Surgir, redonda, do azul profundo.*

*Quem te sagrou criou-te português.  
Do mar e nós em ti nos deu sinal.  
Cumpriu-se o Mar, e o Império se desfez.  
Senhor, falta cumprir-se Portugal!*

O verso inicial sintetiza uma das ideias principais do livro: os grandes feitos portugueses foram realizados por homens, seguindo uma vontade superior e divina: “Deus quer, o homem sonha, a obra nasce”. Ao colocar a vontade divina em primeiro lugar, mas valorizar igualmente a ação e a sensibilidade humanas logo em seguida, o poema se conecta com o pensamento do Renascimento europeu, de caráter profundamente humanista. Não podemos esquecer que, para Pessoa, o Renascimento é considerado – para além de um período histórico – um “império” à parte na história europeia. Em seguida, “a obra nasce” simbolizando o empirismo, a ação concreta, a ciência.

Monumento dos  
Descobrimentos,  
em Lisboa.



“Deus quis [...] que o mar unisse, já não separasse”. Esse verso faz referência à política de expansão marítima europeia como um todo. Tal movimento parte de uma suposta vontade divina, mas é, de qualquer forma, um projeto político e econômico das nações europeias da época. Já o verso “E viu-se a terra inteira, de repente, surgir, redonda, do azul profundo”, além da forte imagética, faz referência às descobertas científicas que comprovaram, à sua época, o formato esférico do planeta Terra e que foram então confirmadas graças às Grandes Navegações.

“Cumpriu-se o Mar, e o Império se desfez”. O uso do verbo “cumprir” é ambíguo e interessante, pois se refere a uma certa responsabilidade da ação, mas, ao mesmo tempo, ao gesto de realizar, de fazer. Ao dizer que “o Império se desfez”, falamos aqui das derrotas históricas dentro da disputa da expansão marítima, dentre elas no Oriente, nas Índias, face às potências holandesas. O verso de conclusão é igualmente forte, “Senhor, falta cumprir-se Portugal!”: depois de explorados os territórios marítimos, resta ainda – apesar de todos os sacrifícios – consolidar a nação portuguesa.

Outro poema crucial para compreendermos a “mensagem” de Pessoa se encontra ainda na primeira parte e faz referência a uma figura importante para a história – e, principalmente, para a narrativa – do Ocidente: estamos falando de Ulisses.

### *Primeiro / Ulisses*

*O mito é o nada que é tudo.  
O mesmo sol que abre os céus  
É um mito brilhante e mudo –  
O corpo morto de Deus,  
Vivo e desnudo.*

*Este, que aqui aportou,  
Foi por não ser existindo.  
Sem existir nos bastou.  
Por não ter vindo foi vindo  
E nos criou.*

*Assim a lenda se escorre  
A entrar na realidade,*

*E a fecundá-la decorre.  
Em baixo, a vida, metade  
De nada, morre.*

Segundo a lenda, no retorno para Ítaca, após a vitória de Troia, Ulisses teria se perdido no Mar Mediterrâneo e atracado na região do rio Tejo. Nessa ocasião, a cidade de Lisboa teria sido fundada. A imagem, real ou não, é forte e explicaria a profunda conexão dos portugueses com o mar, e a vontade de explorá-lo.

O verso inicial traz a tese do poeta: “o mito é o nada que é tudo”. Se observarmos a frase em duas partes, percebemos duas afirmações antagônicas: o mito é nada/o nada é tudo. Por qual motivo o mito seria aqui definido como “nada”, como vazio? Em primeiro lugar, é comum que a palavra “mito” seja associada a algo inventado, falso e até mentiroso. O mito seria considerado um “nada”, pois ele não possui concretamente um vínculo sólido com o real. Todavia, o mito é uma narrativa capaz de fecundar a realidade; uma história com o poder de reencantar o real.

De que forma esse conceito foi utilizado na História? As grandes religiões monoteístas – denominadas religiões do livro, pois se baseiam em escritos específicos publicados no formato de um livro – utilizam, por exemplo, o gênero mítico para transmitir seus valores e crenças. No entanto, a fronteira entre “mito” e “realidade” é fluida, visto que, em algumas crenças, se pensa que é possível encontrar traços físicos e concretos dessas histórias no mundo real, por exemplo, restos da madeira utilizada na construção da Arca de Noé.

“Este, que aqui aportou,/Foi por não ser existindo./ Sem existir nos bastou”. O sujeito a que o eu lírico faz referência é Ulisses. O herói teria, então, aportado em Lisboa. “Foi por não ser existindo”, aceita-se a ideia de que a história contada é talvez fictícia, mas isso não é trágico porque “sem existir nos bastou”. Dessa forma, o poema veicula a ideia de que alguém que talvez nem tenha existido foi o suficiente para inspirar e criar o mito e a história de uma nação. O mito, que não é concreto (nada), adquire forma e importância (tudo).

# QUESTÕES

**1. UFRGS 2017** Assinale a alternativa correta sobre *Mensagem*, de Fernando Pessoa.

- A) *Mensagem* traz as marcas da vanguarda sensacionista, na medida em que busca articular a história de Portugal ao mito, em um mesmo poema.
- B) A imagem do mar expressa simbolicamente a busca do infinito, que poderia apaziguar as almas atormentadas de Fernando Pessoa e de seus heterônimos.
- C) Fernando Pessoa, nessa obra publicada em vida, deu voz a seus heterônimos para expor uma visão poética e múltipla sobre a história portuguesa.
- D) Dom Sebastião é uma figura central para compreender *Mensagem* e a expectativa de uma possível redenção de Portugal.
- E) Os heróis da navegação portuguesa, símbolos do processo civilizacional, cristão, levado aos povos colonizados, são euforicamente celebrados em *Mensagem*.

**2.** O poema que abre o livro *Mensagem* é marcado por referências geográficas carregadas de poesia e mística. A primeira parte, denominada “Brasão”, é dividida em outras subpartes. De que forma elas se conectam com o restante do livro?

## I. Os Campos

### Primeiro/O dos castelos

*A Europa jaz, posta nos cotovelos;  
De Oriente a Ocidente jaz, fitando,  
E toldam-lhe românticos cabelos  
Olhos gregos, lembrando.*

*O cotovelo esquerdo é recuado;  
O direito é em ângulo disposto.  
Aquele diz Itália onde é pousado;  
Este diz Inglaterra onde, afastado,  
A mão sustenta, em que se apoia o rosto.*

*Fita, com olhar sphyngico e fatal,  
O Ocidente, futuro do passado.*

*O rosto com que fita é Portugal.*

- A) O poema enumera todos os territórios e castelos conquistados por Portugal durante a antiguidade.
- B) O poema trata da decadência do Ocidente face ao Oriente.
- C) O poema enumera referências geográficas que contextualizam o nascimento de Portugal e suas heranças históricas através dos séculos, começando pelos campos internos e externos, castelos e quinas.
- D) O poema narra as batalhas da Europa contra as potências orientais.

**3.** Uma frase conhecida de Fernando Pessoa, “Tudo vale a pena se a alma não é pequena”, encontra-se no poema “Mar Português”, presente no livro *Mensagem*. Leia o poema e responda à questão a seguir.

### Mar Português

*Ó mar salgado, quanto do teu sal  
São lágrimas de Portugal!  
Por te cruzarmos, quantas mães choraram,  
Quantos filhos em vão rezaram!  
Quantas noivas ficaram por casar  
Para que fosses nosso, ó mar!*

*Valeu a pena? Tudo vale a pena  
Se a alma não é pequena.  
Quem quer passar além do Bojador  
Tem que passar além da dor.  
Deus ao mar o perigo e o abismo deu,  
Mas nele é que espelhou o céu.*

Após a leitura do poema do livro *Mensagem* como um todo, do que se trata a obra, à luz do famoso verso citado?

- A) A obra trata dos territórios marítimos conquistados pelos portugueses.
- B) *Mensagem* retrata a história de Portugal através de seus grandes acontecimentos históricos, afirmando que sacrifícios são necessários para a glória.



- C** A obra trata de Pedro Álvares Cabral e Vasco da Gama.
- D** Pessoa aplica nesse livro todas as características de seus inúmeros heterônimos.

**4. Fuvest** A leitura de *Mensagem*, de Fernando Pessoa, permite a identificação de certas linhas de força que guiam e, até certo ponto, singularizam o espírito do homem português, dando-lhe marca muito especial. Dentre as alternativas a seguir, em qual se enquadraria melhor essa ideia?

- A** Preocupação com os destinos de Portugal do século vinte.
- B** Preocupação com a história político-social de Portugal.
- C** Recorrência de certas constantes culturais portuguesas, como o messianismo.
- D** Reordenação da história portuguesa desde Dom Sebastião.
- E** A marca da religião católica na alma portuguesa como força determinante.

**5. Unifesp 2013** Leia o poema “Prece”, de Fernando Pessoa.

*Senhor, a noite veio e a alma é vil.  
Tanta foi a tormenta e a vontade!  
Restam-nos hoje, no silêncio hostil,  
O mar universal e a saudade.*

*Mas a chama, que a vida em nós criou,  
Se ainda há vida ainda não é finda.  
O frio morto em cinzas a ocultou:  
A mão do vento pode erguê-la ainda.*

*Dá o sopro, a aragem – ou desgraça ou ânsia –,  
Com que a chama do esforço se remoça,  
E outra vez conquistaremos a Distância –  
Do mar ou outra, mas que seja nossa!*

(Fernando Pessoa. *Mensagem*, 1995.)

Extraído do livro *Mensagem*, o poema pode ser considerado nacionalista, na medida em que o eu lírico

- A** apresenta Portugal como uma nação decadente, que não faz jus ao seu passado de heroísmo e glórias.
- B** inspira-se no passado de heroísmo do povo português que, no presente, já não acredita na sua história.
- C** busca reviver o sonho de uma nação grandiosa, cantando um Portugal almejado por seus feitos gloriosos.
- D** reconhece o desejo de o povo português glorificar seus heróis, o que não foi possível até o seu presente.
- E** descreve o Portugal de seu tempo como uma nação gloriosa e marcada por histórias de heroísmo.

**6. Fuvest** Epitáfio de Bartolomeu Dias:

*Jaz aqui, na pequena praia extrema,  
O Capitão do Fim, Dobrado o Assombro,  
O mar é o mesmo: já ninguém o tema!  
Atlas, mostra alto o mundo no seu ombro.*

*Mensagem*, de Fernando Pessoa, é uma obra dividida em três partes: “Brasão”, “Mar Português” e “O Encoberto”.

- a) A que parte da obra pertence o poema transcrito?
- b) Que dados do poema permitem enquadrá-lo nessa parte?

**7. Fuvest**

**I.** “Eis que aqui se descobre a nobre Espanha.  
Como a cabeça ali de Europa toda”

**II.** “Eis aqui quase cume da cabeça  
De Europa toda, o reino Lusitano.  
Onde a terra se acaba e o mar começa”

**III.** “A Europa jaz, posta nos cotovelos:  
De Oriente a Ocidente jaz fitando.  
E toldam-lhe românticos cabelos  
Olhos gregos lembrando.

*O cotovelo esquerdo é recuado.  
O direito é em ângulo disposto  
Aquele diz Itália onde é pousado:  
Este diz Inglaterra, onde afastado,  
A mão sustenta, em que se apoia o rosto.*

*Fita com olhar sphingico e fatal.  
O ocidente futuro do passado.*

*O rosto com que fita é Portugal”.*

Os textos I e II iniciam respectivamente as estâncias 17 e 20 do canto II d’Os *Lusíadas*, de Luís Vaz de Camões, e o texto III é um poema do livro *Mensagem* de Fernando Pessoa.

- A que movimento literário pertence cada um dos autores?
- De que recurso comum aos dois textos se valem os autores para elaborar a descrição da Europa?

## 8. Enem



*Da minha aldeia vejo quanto da terra se pode ver no Universo...  
Por isso minha aldeia é grande como outra qualquer  
Porque sou do tamanho do que vejo  
E não do tamanho da minha altura...*

(Alberto Caeiro)

A tira “Hagar” e o poema de Alberto Caeiro (um dos heterônimos de Fernando Pessoa) expressam, com linguagens diferentes, uma mesma ideia: a de que a compreensão que temos do mundo é condicionada, essencialmente,

- pelo alcance de cada cultura.
- pela capacidade visual do observador.
- pelo senso de humor de cada um.
- pela idade do observador.
- pela altura do ponto de observação.

**9. UFRGS 2016** Leia o poema abaixo, presente em *Mensagem*, de Fernando Pessoa.

**Noite**

*A nau de um deles tinha-se perdido  
No mar indefinido.  
O segundo pediu licença ao Rei  
De, na fé e na lei  
Da descoberta, ir em procura  
Do irmão no mar sem fim e a névoa escura.*

*Tempo foi. Nem primeiro nem segundo  
Volveu do fim profundo  
Do mar ignoto à pátria por quem dera  
O enigma que fizera.  
Então o terceiro a El-Rei rogou  
Licença de os buscar, e El-Rei negou.*

*Como a um cativo, o ouvem a passar  
Os servos do solar.  
E, quando o veem, veem a figura  
Da febre e da amargura,  
Com fixos olhos rasos de ânsia  
Fitando a proibida azul distância.*

*Senhor, os dois irmãos do nosso Nome  
– O Poder e o Renome –  
Ambos se foram pelo mar da idade  
À tua eternidade;  
E com eles de nós se foi  
O que faz a alma poder ser de herói.*

*Queremos ir buscá-los, desta vil  
Nossa prisão servil:  
É a busca de quem somos, na distância  
De nós; e, em febre de ânsia,  
A Deus as mãos alçamos.*

*Mas Deus não dá licença que partamos.*

Considere as seguintes afirmações sobre o poema e suas relações com o livro *Mensagem*.

- I. As três primeiras estrofes estão relacionadas a um episódio real: a história dos irmãos Gaspar e Miguel Corte Real que desapareceram em expedições marítimas, no início do século XVI, para desespero do terceiro irmão, Vasco, que queria procurá-los, mas não obteve a autorização do rei.
- II. O sujeito lírico, na quarta e na quinta estrofes, assume a primeira pessoa do plural, sugerindo que o drama individual dos irmãos pode representar um problema coletivo: a perda de poder e renome de Portugal, perda esta já associada à difícil situação do país no início do século XX, momento da escrita do poema.
- III. O diagnóstico das perdas de Portugal está ausente em outros poemas de *Mensagem*, por exemplo, “Mar português”, “Autopsicografia” e “Nevoeiro”, que apresentam a visão eufórica e confiante do sujeito lírico em relação ao futuro de Portugal.

Quais estão corretas?

- A) Apenas I.
- B) Apenas II.
- C) Apenas I e II.
- D) Apenas II e III.
- E) I, II e III.

**10. UFRGS 2016** Assinale a alternativa correta a respeito da vida e da obra do poeta português Fernando Pessoa.

- A) Pessoa foi um dos líderes da revista de literatura *Orpheu*, juntamente com Mário de Sá-Carneiro e Eça de Queiroz.
- B) A criação da revista de literatura *Orpheu* identifica Pessoa como um dos fundadores do Modernismo português.
- C) Pessoa foi responsável pelo espírito derrotista, em que Portugal estava mergulhado no final do século XIX.
- D) Os heterônimos de Pessoa, tais como Álvaro de Campos e Ricardo Reis, podem ser vistos como pseudônimos, utilizados pelo poeta para burlar a censura.
- E) A criação de heterônimos é uma prática comum aos poetas colaboradores da revista *Orpheu*.



**11. UFJF** Uma estrofe famosa do poema “Autopsicografia”, de Fernando Pessoa, é:

*O poeta é um fingidor./ Finge tão completamente/ Que chega a fingir que é dor/ A dor que deveras sente.*

A partir dela e pensando na obra do poeta como um todo, é correto afirmar:

- A) Fernando Pessoa, com a proposta do fingimento poético, rompe com o confessionalismo romântico.
- B) somente Álvaro de Campos pode ser representante do fingimento poético, pois é um poeta futurista.
- C) o fingimento poético não está presente na obra de Alberto Caeiro, pois ele é um pastor simples e sincero.
- D) a única parte da obra pessoana que escapa do fingimento são os poemas de Fernando Pessoa ele mesmo.
- E) Ricardo Reis, como poeta clássico, não pode ser estudado pelo fingimento modernista.

**12. FGV-SP** Este poema integra a obra poética de Fernando Pessoa. Seu autor é um homem simples, que viveu em contato direto com a natureza; é o poeta do real sensível. Pode-se dizer que, assim, manifesta uma forma de pensar apenas diferente e não ausência de reflexão. É autor dos versos:

[...]  
*Que pensará isto de aquilo?  
 Nada pensa nada.  
 Terá a terra consciência das pedras e plantas que tem?  
 Se ela a tiver, que a tenha...  
 Que me importa isso a mim?  
 Se eu pensasse nessas coisas,  
 Deixaria de ver as árvores e as plantas  
 E deixaria de ver a Terra,  
 Para ver só os pensamentos...  
 Entristecia e ficava às escuras.  
 E assim, sem pensar tenho a Terra e o Céu.*

Trata-se de:

- A) Alberto Caeiro.
- B) Ricardo Reis.
- C) Bernardo Soares.
- D) Fernando Pessoa, ele mesmo.
- E) Álvaro de Campos.

**13. UFRGS** Assinale a alternativa que preenche corretamente as lacunas do texto a seguir, na ordem em que aparecem.

Ao concretizar o projeto de um poeta múltiplo, Fernando Pessoa cria \_\_\_\_\_ com diferentes \_\_\_\_\_ entre os quais Ricardo Reis e Álvaro de Campos, com obras de tendência, respectivamente, \_\_\_\_\_ e \_\_\_\_\_.

- A) pseudônimos – imagens – clássica – simbolista.
- B) heterônimos – linguagens – neoclássica – modernista.
- C) pseudônimos – estilos – simbolista – modernista.
- D) heterônimos – temáticas – romântica – futurista.
- E) heterônimos – visões de mundo – surrealista – vanguardista.

**14. Unesp 2015**

*Deus quer, o homem sonha, a obra nasce.  
 Deus quis que a terra fosse toda uma,  
 Que o mar unisse, já não separasse.  
 Sagrou-te, e foste desvendando a espuma,  
 E a orla branca foi de ilha em continente,  
 Clareou, correndo, até ao fim do mundo,  
 E viu-se a terra inteira, de repente,  
 Surgir, redonda, do azul profundo.  
 Quem te sagrou criou-te português.  
 Do mar e nós em ti nos deu sinal.  
 Cumpriu-se o Mar, e o Império se desfez.  
 Senhor, falta cumprir-se Portugal!*  
 (Fernando Pessoa. “O Infante”. Mensagem. Obra poética, 1960.)

Identifique quatro características que, segundo o texto, marcaram a expansão marítima portuguesa dos séculos XV e XVI. Exemplifique com os versos do próprio poema.

# GABARITO

- 1. D**  
 Alternativas A, B, e C: incorretas. Não há traços de textos vanguardistas nos poemas de *Mensagem*. Tais características foram publicadas e exploradas em outras mídias, como as revistas *Orpheu* e *Presença*.  
 Alternativa D: correta. Fernando Pessoa retrata a história de Portugal, partindo dos mitos fundadores até a imagem de Dom Sebastião, figura central e essencial.  
 Alternativa E: incorreta. Pessoa celebra principalmente os heróis fundadores, não apenas os atores das navegações.
- 2. C**  
 Alternativa A: incorreta. Há uma incongruência histórica: Portugal não existia como nação durante o período da Antiguidade.  
 Alternativa B: incorreta. Não há traços que comprovam a decadência do Ocidente face ao Oriente; esse tema não está presente no livro.  
 Alternativa D: incorreta. Esse poema especificamente não narra as batalhas da Europa contra as potências orientais. Além disso, o termo “Europa” não deve ser utilizado como um grupo homogêneo unido contra um inimigo, mas como um grupo heterogêneo de vários territórios distintos, compartilhando valores semelhantes, morais e econômicos, sobretudo.
- 3. B**  
 Alternativas A e C: incorretas. Tais temas estão presentes na obra, mas não são os únicos. Ela trata das conquistas marítimas e cita alguns navegadores, entretanto o poeta busca uma abordagem muito mais ampla e mítica para retratar a história de Portugal.  
 Alternativa D: incorreta. Não há traços aqui de experimentações modernistas e/ou de vanguarda.
- 4. C**  
 Alternativas A, B e E: incorretas. O poema não trata das preocupações de Portugal do século XX, mas possui uma abordagem muito mais ampla, indo além das questões sociopolíticas e religiosas, para tocar na gênese mitológica e poética da nação.  
 Alternativa D: incorreta. Pessoa não propõe uma reordenação da história portuguesa desde Dom Sebastião, mas parte de figuras ainda mais antigas e mitológicas, como Ulisses. O fato de tratar da chamada Íncrita Geração, da qual Dom Sebastião faz parte, não pressupõe que toda a história portuguesa seria reorganizada a partir de sua imagem, embora seus feitos tenham sido importantes.
- 5. C**  
 Alternativas A e B: incorretas. O livro como um todo possui uma abordagem positiva da história de Portugal, apesar da última parte propor uma reflexão sobre o futuro das conquistas portuguesas, uma vez conquistados “todos” os outros territórios em terra e além-mar.  
 Alternativa D: incorreta. O povo português pôde glorificar seus heróis, seja em *Os Lusíadas*, de Camões, ou mesmo em *Mensagem*, de Pessoa.  
 Alternativa E: incorreta. Portugal do tempo de Pessoa já não apresentava glórias, como no passado.
- 6. a) “Mar Português”.**  
 b) Por exemplo, o terceiro verso fala de um mar que não deve mais ser temido, e o quarto verso cita Atlas e um mundo agora reconhecido. Esses dados remetem às explorações marítimas realizadas por Bartolomeu Dias, exatamente o tema abordado nessa parte.
- 7. a) Camões: Classicismo; Pessoa: Modernismo.**  
 b) Prosopopeia ou personificação.
- 8. A**  
 A tira expressa a ideia de falta de conhecimento sobre o mundo ser redondo; Hagar representa o povo antigo, que ainda não tem dados para quebrar a ideia de um mundo plano. No poema de Alberto Caeiro, o eu lírico expressa uma percepção da realidade medida pelo seu conhecimento. Portanto, os textos têm em comum que a compreensão da vida está ligada diretamente à cultura.
- 9. C**  
 Afirmativa III: incorreta. “Autopsicografia” não integra o livro *Mensagem*.
- 10. B**  
 Alternativa A: incorreta. Eça de Queiroz, que morreu em 1900, não teve participação na revista *Orpheu* (que foi lançada em 1915).  
 Alternativa C: incorreta. Fernando Pessoa não participou do espírito derrotista de Portugal no final do século XIX. Ele iniciou sua carreira nos anos 1910.

Alternativa D: incorreta. Álvaro de Campos e Ricardo Reis são heterônimos de Fernando Pessoa e não pseudônimos. Para Pessoa, o heterônimo é o autor fora da pessoa do escritor, enquanto o pseudônimo é o próprio autor, só que com outra assinatura.

Alternativa E: incorreta. Entre os autores da revista, somente Fernando Pessoa utilizou heterônimos.

**11. A**

Ao afirmar que “o poeta é um fingidor”, Fernando Pessoa se refere ao momento em que o poeta escreve poesia, ou seja, ele está oferecendo um metapoema. Porém, o termo “fingidor” não significa “enganador”, mas um “moldador” de emoções. Se o poeta molda as emoções, ou cria as emoções, não se trata de experiências próprias, assim, ele não está fazendo confissões românticas de sua experiência.

**12. A**

As características apresentadas no enunciado pertencem a Alberto Caeiro, heterônimo de Fernando Pessoa.

**13. B**

Fernando Pessoa desdobrava seu “eu” em vários heterônimos, cada um com uma linguagem característica. Ricardo Reis adota características neoclássicas, enquanto Álvaro de Campos traz uma linguagem modernista.

- 14. •** “Deus quis [...] que o mar unisse, já não separasse”. Esse verso faz referência à política de expansão marítima europeia como um todo; como se tal movimento fosse um desejo divino.
- “E viu-se a terra inteira, de repente, surgir, redonda, do azul profundo”. Além da forte imagética do verso, ele faz referência às descobertas científicas que comprovaram na época o formato esférico do planeta Terra; tais descobertas foram então confirmadas graças às Grandes Navegações.
  - “Quem te sagrou criou-te português”. Faz referência a uma dita superioridade dos portugueses.
  - “Cumpriu-se o Mar, e o Império se desfez”. Faz referência às derrotas históricas dentro da disputa da expansão marítima, dentre elas no Oriente, nas Índias, face às potências holandesas.
  - “Senhor, falta cumprir-se Portugal”. Faz referência ao fato de que, depois de explorados os territórios marítimos, resta ainda consolidar a nação portuguesa.









# AOL

## Análise de Obras Literárias

O estudo das obras promove a compreensão e o aprofundamento do texto, revela as intenções de cada autor e elucida as características da escola literária da qual a obra faz parte. Ler é condição fundamental para compreender o mundo, os seres, os fenômenos e os acontecimentos. Entender e desvendar uma obra é compreender o prazer da leitura e da busca de novos saberes. É encontrar a beleza da essência de cada autor.

[sistemapoliedro.com.br](http://sistemapoliedro.com.br)

São José dos Campos-SP  
Telefone: 12 3924-1616  
[editora@sistemapoliedro.com.br](mailto:editora@sistemapoliedro.com.br)

